



QUANDO O DIABO REZA

Mário de Carvalho

quando  
o Diabo  
reza

vadiário breve

LISBOA:

TINTA-DA-CHINA

MMXI

*O caso é: sobre meus dias*  
*Em tempo contra rezão*  
GIL VICENTE

*Ab, a forma, eis o grande crime!*  
ÉMILE ZOLA

© 2011, Mário de Carvalho  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A,  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Quando o Diabo Reza*  
Autor: Mário de Carvalho  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Outubro de 2011

ISBN 978-989-671-100-9  
Depósito Legal n.º 334669/11

# índice

11	Os artistas
25	As manas
39	A igreja
55	O banco
69	A trama
85	Cuba
97	Os sonhos
109	Os negócios
121	A sedução
137	A desavença
145	A giravolta
159	Tárik
167	Nota biográfica

# 1

## Os artistas

— Não, o outro.

A bejeca deixou uma fímbria de branco poroso a ferver no lábio de Abreu. O ar de desdém, basófilo e curto, derivava agora, nasalado, pela fresta da commissura:

— Alguém mandou olhar?

Dois velhos pasmados a uma mesa de canto, queixos pendidos sobre as chávenas de café. Não era o da boina de xadrez, de beijo torto. Era o de bochechas lassas, e olhos aguados, como um buldogue.

Abreu ia explicar tudo, mas dava muito trabalho e desistiu. Mordiscou um tremçoço, rilhou-o com os molares, em jeito de enjoo, e removeu a vista para o estaladiço do tecto, precisado de pintura. E sempre a dar-lhe, num sussurro bocejado:

— Não sabia que o gajo vinha aqui.

Tinha ouvido dizer — «quanto vale a aposta?» — que naquela cervejaria de madeirames polidos aviavam torresmos com a imperial. Mas nem pevides davam e os tremçoços eram à parte.

Bartlo encolheu os ombros e atacou a cerveja. Era altarrão e composto, lábia solta, mas pouca gramática. Tinha gastado uma hora a fazer o relatório de dois namoros, um perdido emprego e uma mãe. Fartava-se logo da conversa quando não era o próprio a falar. Mas o outro afincava. O droguista! Não o reconhecia? Era preciso ser muito desprevenido de ideia para não marcar o narigão e as belfas dançantes, pá.

— A drogaria Espampanante, ao começo da rampa, quando a rua dobra pra baixo.

— Estou a ver — Bartlo vagava, desconcentrado.

— Estás a ver uma ova.

Mas Bartlo começava a lembrar-se, fazia o jeito:

— Tinha vassouras à porta. E jerricans amarelos. Vassouras novinhas de palha cinzenta. Até se podiam lambar. Dava dó usar aquilo prò chão.

— Isso agora não interessa. Vassouras são vassouras.

— Eu lembro-me, camandro.

— Mas entravas lá, entravas? Ah, pois, a minha mãe mandava-me à cera. Cem gramas de cera. Em papel-manteiga, com uma espátula. Havia um livro comprido pròs fiados.

— Nunca lá o vi.

— O livro?

— O velho.

— Tinha praí quatro ou cinco drogarias, ou mais, e dava a volta por cada uma, à semana. Sempre

com uma bata de surrobeco, toda sebenta. Espreitava assim, por cima dos óculos.

Abreu imitava com os dedos esticados debaixo do nariz a fingir lúzios dardejantes. Caso para rir.

Mais tarde, iam de regresso ao bairro e Abreu não se calava:

— O gajo morava na Alameda, num primeiro andar. O prédio só luxos, dourados e vidros, com o segurança de farda, boné e tudo, mas a casa dele era um arraial de veludos podres, trastes velhos e mesas mancas.

— Como é que sabes?

— Sei — garantiu Abreu, muito pintão e misterioso. O telemóvel dele tocou, fazia um grunhido de porco entremeado a compassos *techno*. Conversação secreta, gestos encolhidos, ar encordado, a girar em volta, nos calcanhares. Mas duas passadas mais tarde, aproximando a testa, arrecadou o apetrecho e aclarou:

— A minha irmã ia lá fazer limpezas quando o meu cunhado marrou c'a mota contra o muro. O gajo é podre de rico. Ela bem viu o papel. Agora vive sozinho com uma filha.

— Mal empregado.

— O velho distraiu-se e deixou um extracto em cima da cómoda. Ela até copiou, sem a velha perceber. Pá. Milhões. Tás a ouvir? Milhões.

— Milhões de quê?

Era parvo ou fazia-se?

— Podiam ser contos ou escudos ou euros.

Contos era muita fruta...

Abreu olhou para Bartlo, afastou-se um passo, derribou o sobrolho e estorceu o semblante.

— Eu morra já aqui dum raio, pá!

Bartlo estava farto da perlenga. E vá de atrasar com uma história que nunca mais acabava sobre um casal de chuis que tinha um pufo cheio de notas.

— Tá tudo mal distribuído — concluiu. — Que é que se há-de fazer?

Mas Abreu nas tintas pràs filosofias. Ele era mais esquemas e acção.

— Corrigir, pá. Um gajo não se pode agachar, caraças.

Agora Abreu ia atrás do cão. Fazia sempre aquilo, quando encontrava o animal estirado na esquina. O bicho mal o via levantava o beque, olhava de lado, arreganhava a facha e começava a rosnar, cada vez mais alto, a meter mudanças. E ele crescia para o cão, a berrar e a bater os pés, as duas mãos muito abertas, a modos duma escavadora. O animal corria pela rua afora, ladrava de longe, e depois ele ria que se fartava.

— Sacana do cão... Qualquer dia, largo-lhe o Tárik. Pensa nisso.

— Penso no quê?

— Mas pra que é que tu existes, pá?

— Mãe, você conhece o dono da drogaria?

A mãe de Bartlo estava sempre sentada porque tinha as pernas muito inchadas. Constantemente desinquieta, pegava nos objectos com um agarrador telescópico, de alumínio, pinça serrilhada na ponta. Ficava desaustinada quando o perdia. Nunca sabia onde é que o punha. Uma vizinha vinha ajudá-la a fazer o jantar, caridade dos Irmãos em Cristo, mas ela gostava de se queixar.

A outra andava a cobiçar um naperon de linho, com umas iniciais bordadas, *M* e *P* em cruz, que já vinha do tempo dos reis. «Onde é que você encontrou isso?» «Estava a arrumar a gaveta.» «Deixe, a gaveta arrumo eu, obrigadinha.»

— O dono é um chavaleco, cheio de peneiras e falantices. Pior que tu.

— Não, não, o cota.

— O velho passou aquilo.

— Você conhecia-o?

— Só de bom-dia e boa-tarde, porquê?

— Diz que é podre de rico.

— Tinha fama de sovina, mas eu, quem vai, vai, quem está, está.

O tanas. A velha diagnosticava as vidinhas todas ao pormenor. Até com datas, casamentos, filhos, empregos, engates, doenças, anos de pildra. Aquele radar varria cento e cinquenta metros pra cá, até à esquina do ecoponto. Se não topava o velho era porque ele morava em cascos.



Mário de Carvalho, no seu primeiro livro, *Contos da Sétima Esfera* (1981), inicia um percurso como ficcionista, que passa pela escrita de teatro e de cinema, pela novela e pela crónica e, sobretudo, pelo romance, com traduções em espanhol, francês, inglês, alemão, italiano, grego, búlgaro, croata e edições no Brasil. Está representado em múltiplas antologias em diversas línguas, incluindo o árabe. O conto *A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho* vem sendo, desde há muito, de leitura recomendada na disciplina de Português no ensino secundário. Outras obras são objecto de trabalhos académicos, em Portugal e no Brasil. Os livros têm sido sucessivamente reeditados e obtido vários prémios literários, portugueses e estrangeiros. O seu romance mais conhecido, traduzido e publicado é *Um Deus Passeando pela Brisa da Tarde*. O último é um «cronovalema», *A Arte de Morrer Longe* (2010). Em 2011 publicou a recolha de contos *O Homem do Turbante Verde*.

quando o  
Diabo reza

foi composto em caracteres  
Hoefler Text e impresso pela  
Offsetmais, Artes Gráficas SA,  
sobre papel Coral Book de 80  
gramas, em Outubro de 2011.